

OS MARCADORES DE GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR: UMA ANÁLISE SOBRE AS NARRATIVAS DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE QUIXERÉ-CE.

Jociene Araujo Lima ¹

RESUMO

Este estudo tem como objetivo geral examinar a visão das crianças da educação infantil sobre as relações de gênero na escola. Para atingir tal objetivo, essa pesquisa terá como metodologia a pesquisa bibliográfica baseada nos trabalhos de Sirota (2001), Sarmento (2008) e Alanen (2001), autores que destacam que a sociedade é dividida por gênero, e essa divisão ocorre desde a infância, ressaltando a escola como um ambiente onde esses papéis são construídos e reforçados a cada nova geração. Com relação à compreensão da perspectiva das crianças da educação infantil sobre as relações de gênero na escola, conduzimos uma pesquisa de campo empregando entrevistas semiestruturadas como método de coleta de dados. As entrevistas foram realizadas com estudantes de ambos os sexos, matriculados na educação infantil de uma escola pública em Quixeré, no estado do Ceará. A idade dos participantes variou entre 4 e 5 anos. Em conclusão, notamos que de fato há uma distinção e desigualdade de gênero presentes na escola, e as crianças têm percepção disso. É importante ressaltar que esse fenômeno não se restringe apenas à educação infantil, mas está presente em todas as salas de aula. Por conseguinte, ressaltamos a necessidade de desconstruir e promover novas pesquisas que tratem desse tema e contribuam para dismantelar a cultura opressora em relação ao gênero feminino tanto na escola quanto em todos os demais espaços.

Palavras-chave: Gênero, Educação Infantil, Desigualdade de Gênero, Sala de aula.

INTRODUÇÃO

A escola é uma instituição social cuja função consiste em apresentar aos indivíduos todo o conhecimento científico, cultural e tecnológico com o qual a sociedade já teve contato, além de auxiliar o desenvolvimento de habilidades necessárias para a atuação na sociedade. Segundo Arêa (2008) a educação no Brasil é direito de todos garantido em lei, ou seja, é uma prática social constituída e constituinte das relações sociais mais amplas. Dessa forma, como agente responsável pela promoção da socialização, a escola permite que este direito seja exercício, a escola segundo essa escritora seria o *locus* onde a garantia do direito a educação é efetivada. Assim, este espaço é responsável por transmitir ao longo do tempo valores e pressupostos que contribuem para a perpetuação de uma postura conservadora em relação ao gênero. Vários estudiosos, como Alanen (1988), Buss-Simão (2012), Ferreira (2002), Marchi (2011), Finco (2013) e outros, enfatizam que em uma sociedade dividida em classes, como a

¹ Mestre Em Educação e Ensino, Pelo Mestrado Intermacampi Em Educação E Ensino -MAIE, na Universidade Estadual Do Ceará - UECE, jocienelima1@email.com;

nossa, é comum que os indivíduos sejam preparados para desempenhar papéis predefinidos na sociedade de acordo com o seu gênero. Além disso, os autores destacam que essa construção ocorre desde a infância na sociedade, ressaltando a escola como um ambiente onde esses papéis são construídos e reforçados a cada nova geração. Isso acontece por meio da socialização, conversas, brincadeiras e até mesmo atitudes cotidianas que reforçam e reproduzem os marcadores de desigualdade de gênero no contexto escolar.

Pierre Bourdieu (1999) acredita que abordar a questão de gênero implica em observar de perto como a construção social da naturalização ocorre, uma vez que, para o autor, gênero é um conceito que é construído socialmente. Portanto, o conceito de gênero, que as crianças supostamente estão aprendendo e reproduzindo na escola, é uma construção social, ou seja, os significados de masculino e feminino dependem de variáveis históricas e culturais, sendo transmitidos ao longo do tempo por meio da educação e outras organizações sociais. As diferenças anatômicas entre homens e mulheres são transferidas para o âmbito social e naturalizadas como justificativa para a distinção de gêneros na prática social.

Perante esta concepção de gênero a autora De Beauvoir (2009), pode-se observar que a elite social na sociedade pós-moderna continua a perpetuar a ideia da inferioridade da mulher, muitas vezes dentro dos espaços privados e públicos como é o caso da escola, uma vez que as razões da opressão das mulheres foram criadas pela sociedade e transcende sobre a escola. Outro ponto importante a ser considerado quando se trata do fortalecimento da opressão de gênero na escola é a crítica à falta de escuta da criança enquanto ser social.

A criança não apenas interage como parte da realidade social, mas também é subjugada pelas regras impostas na sociedade. De acordo com a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança (1989), estabeleceu-se que a criança não deve ser considerada apenas um objeto de proteção, mas sim detentora de um conjunto de direitos civis e políticos. Segundo Vigotski (2010), a linguagem desempenha um papel essencial na mediação do desenvolvimento, sendo a fala um dos sinais mais importantes nesse processo. Através da linguagem, a criança é capaz de compreender o mundo por meio das palavras. Nesse sentido, dar ouvidos às crianças é proporcionar-lhes a oportunidade de perpetuar as conversas sociais que estão presentes. Atualmente, as pesquisas sobre as experiências sociais das crianças têm sido dominadas pelo adultocentrismo, não reconhecendo que meninos e meninas também são "uma categoria social que tem sido

'injustiçada' com consequências similares de excluí-las e distorcer seu papel social e suas contribuições". (ALANEN, 2001, p. 72-73).

Dessa forma, pesquisadores como Sirota (2001) e Sarmiento (2008) destacam a relevância de ouvir as crianças como indivíduos que convivem e conhecem as normas sociais às quais são submetidas nesse contexto de gênero. De acordo com Alanen (2001), as crianças trazem diversas contribuições para nossa compreensão de como o gênero se apresenta em nossa sociedade, revelando, por meio de análises, que as experiências são essenciais para a compreensão das diferenças entre homens e mulheres (e também entre meninos e meninas), uma vez que explicam as assimetrias em torno da masculinidade e da feminilidade, expressas através das diversas formas simbólicas.

Portanto, é de extrema importância escutar e reconhecer que meninos e meninas são atores sociais competentes, porém é necessário considerar que suas experiências sociais são influenciadas por suas identidades de gênero. Conforme ressalta Oliveira:

Os estudos feministas ensinam que as experiências sociais ajudam a explicar as diferenças de gênero e estas, por sua vez, explicam as assimetrias das experiências masculina e feminina na sociedade. Não basta reconhecer que o gênero faz parte do mundo infantil, é necessário perceber como o gênero acontece entre as crianças. Reconhecer que meninas e meninos são capazes de estabelecer relações estruturais e simbólicas que resultam, por sua vez, em práticas sociais diferenciadas e mediadas pelo gênero (OLIVEIRA, 2011, p. 82).

Neste contexto, reiteramos a importância que atribuímos à valorização das vivências sociais produzidas pelas próprias crianças, que são solicitadas a criar suas experiências sociais diante de um ambiente cada vez mais diversificado, o qual tem exigido que elas atuem diretamente na diferenciação de suas identidades de gênero. Diante dessa problemática nos questionamos: qual é a perspectiva das crianças da educação infantil em relação às relações de gênero na escola?

Com o intuito de abordar essa questão, o objetivo primordial deste estudo é entender a perspectiva das crianças da educação infantil no que diz respeito às relações de gênero na escola. Para isso, adotaremos uma abordagem metodológica qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e exploratória. A coleta de dados foi realizada em campo, por meio de observação participante e entrevistas semi-estruturadas com as próprias crianças. Optamos pela entrevista como método de coleta de dados, pois acreditamos que ela ajuda o pesquisador a estabelecer um relacionamento direto com o grupo estudado, no caso desta pesquisa, as próprias crianças. Este estudo está dividido em dois tópicos. No primeiro, faremos uma caracterização da escola e dos participantes

das entrevistas. Em um segundo momento, apresentaremos as respostas fornecidas pelas crianças e analisaremos essas respostas.

REFERENCIAL TEÓRICO

1 ESCOLA E SUJEITOS DA PESQUISA

Para compreender a perspectiva das crianças da educação infantil sobre as relações de gênero na escola, realizamos entrevista com meninas e meninos, alunos da educação infantil de uma escola pública, no município de Quixeré, no estado do Ceará, com a idade entre 4 a 5 anos.

Sobre a estrutura física a escola possui 6 salas de aulas, uma sala de professores, uma sala de direção, uma biblioteca, uma sala de multimídias, 2 banheiros para os alunos, sendo um feminino e um masculino, um banheiro adaptado e um banheiro para professores e funcionários. A escola atende Modalidades: Ensino Regular e EJA e as etapas: Ensino Infantil, Ensino Fundamental, Anos Finais. É uma escola de porte pequeno, segundo Censo Escolar 2022, possuía 122 matrículas, atualmente a escola conta com 14 professores, 1 cozinheira, 1 porteiro, e 2 auxiliares de serviços gerais. Os alunos atendidos são filhos de agricultores que moram na comunidade, ou nas comunidades vizinhas.

A organização da sala se dava da seguinte forma: a sala era pintada de cor verde desbotadas, havia vários cartazes na parede, um dele era com nome das crianças, onde de um lado tinham o nome de todas as meninas em rosa com a personagem da princesinha Sofia, e do outro em azul com os meninos com personagem do Batman. Também havia o cartaz dos aniversariantes as fichas com nome das meninas eram rosa e dos meninos pretos. Havia também o calendário de cor laranja e painel com a indicação de quem seria os ajudantes do dia. A sala é de porte médio, com 20 cadeiras vermelhas divididas em círculo. Havia um balde que guardava brinquedo e um armário com material escolar, como tintas, colas, tesouras, lápis e caderno.

Sobre a organização da sala já vemos muito bem demarcado os marcadores de gênero, enquanto meninas tem fichas de cor rosa os homens possui de outra cor. Além dos personagens para demarcar cada gênero, enquanto as meninas são princesas, recatadas, e bonitas, os meninos são super heróis, considerados fortes.

Outro dado importante nessa caracterização do local e dos sujeitos da pesquisa, temos observado o censo escolar de 2022, 90% dos alunos são pardos, com apenas 5% branco. Todavia na observação intrínseca da pesquisadora é possível identificar 6 crianças negras, 2 pardas e 2 brancas. Neste contexto, já podemos fazer a primeira análise, porque o censo diz que essas pessoas são pardas, quando ela possui traços de negritude, apesar do censo ser de 2022, e estamos em 2023, os alunos analisados são praticamente os mesmos, segundo a professora apenas dois alunos mudaram de escola e três chegaram. Assim, a falta de identidade como negros, gerado desde dos dados da escola, prejudica a identificação dos negros e na luta por direitos.

Com relação a pesquisa de campo foi feito a entrevista foi semi-estruturada, isto é, apesar de se assemelhar a uma conversa informal, seguiu um roteiro previamente estruturado com base nas questões a serem investigadas. Buscando resguardar a ética e identidade das crianças entrevistadas, iremos colocar nome fictício nas crianças entrevistadas. A entrevista ocorreu no dia 05/09/2023, no horário de 7:00 as 11:00 da manhã, em uma sala de aula, a qual a entrevistadora conduziu a aula durante este dia. Foram entrevistadas 10 crianças, sendo 6 mulheres e 4 homens. Este número de alunos se deu devido ao número de alunos presente no dia da entrevista na aula. Como material de coleta, a autora usou o caderno, lápis e borracha a fim de registrar as situações observadas e também um gravador e câmera de celular para fotografar cenas observadas.

Sobre o perfil dos entrevistados, as seis meninas foram nomeadas com nome de flores e idade: Azaléia, Camélia, Margarida, Tulipa 5 anos, já Rosa e Begônia 4 anos. Já os meninos também foram nomeados como nome de flores e todos tem 5 anos: Antúrio, Bálsamo, Borago e Celestino.

A escolha pela entrevista aconteceu por compreender que através dela nossos informantes, que neste contexto, são as crianças, ficariam mais à vontade para se expressar sem receio. Para Sarmiento (2003), a entrevista ajuda as crianças a “se explicarem, falando de si, encontrando as razões e as sem-razões por que se age e se vive” (p. 193). Assim, para o autor, as entrevistas formais não surtem efeitos para as crianças pequenas, deixando muitas delas tímidas, devendo os entrevistadores realizar a recolha de informações por meio da observação e conversas com as crianças.

Partindo desse pressuposto, as entrevistas foram realizadas com as 10 crianças de três maneira diferente, objetivando tornar o processo de conversação com elas o mais informal possível: i) No caso de algumas crianças, as entrevistas contaram com o auxílio de estímulo imaginário, contamos uma estória que envolve o conflito de gênero e ao

solicitamos a opinião dessas crianças sobre a história de maneira informal. Como aponta Scott (2009, p. 91). A segundo forma ii) as crianças eram entrevistadas em momentos de brincadeiras livres. iii) E a terceira foi aquela onde o roteiro semiestruturado de entrevista foi fragmentado e as perguntas realizadas em diferentes momentos, influenciado pelas situações e vivências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para iniciarmos o processo de entrevista pela contação de história, usamos para isso, o livro intitulado “Menina não entra” da autora Telma Guimarães Castro Andrade, que conta a história de Miguel, um menino que queria formar um time de futebol, que ele proprio chamou de “Meninos Futebol Clube”. O livro narra a trama de Miguel convidando vários garotos do bairro para formar o time e jogar contra o time da vizinhança. Porém, Miguel não conseguiu meninos suficientes para completar a equipe, para resolver o problema um dos meninos sugeriu chamara a sua irmã. Todos os outros meninos da história narrada não gostaram da possibilidade de ter uma menina na equipe. Alegaram que futebol era coisa de menino, que as garotas não sabiam jogar, que poderiam se machucar. A menina convidada argumentou que isso era preconceito da parte deles e que ela sabia jogar futebol. depois de muita discussão eles foram convencidos e ela entrou para o time. A menina foi muito bem no futebol, no campeonato, o time ganhou de goleada. A menina recebeu convite do time adversário para mudar de grupo, mas ela não aceitou, porém impôs duas condições para nova equipe: que meninas pudessem entrar no time e a mudança do nome da equipe para ‘Todo Mundo Futebol Clube’.

Após a leitura da história foi questionada a primeira pergunta da entrevista semi estruturada, que era: O que vocês acham da atitude dos amigos de Miguel na história? deixamos livre para quem se sentisse à vontade responder, duas meninas Rosa e Margarida enfatizaram que foi preconceituoso por parte dos meninos e que meninas têm o mesmo direito de jogar futebol que os meninos. Vejamos a respostas das duas:

Rosa: Eu achei errado, porque as meninas sabem jogar futebol, os meninos que não sabem.

Margarida: eu também achei errado, porque as meninas sabem jogar, mas os meninos nunca deixam...

Em contra defesa, todos os quatro meninos responderam, 3 concordaram que as meninas também sabem jogar futebol, e um deles respondeu que os amigos de Miguel não cometeram preconceito com a menina, só estava buscando a melhor forma de ganhar a partida. Vejamos as falas:

Celestino: as meninas sabem jogar sim, elas que não gostam...

Borago: é, as meninas não gostam porque jogar bola não é brincadeira de meninas...

Antúrio: eu achei que menino estava errado, tem que deixar todos jogar...

Bálsamo: eu acho que os meninos não fizeram preconceito porque queriam ganhar, e os meninos gostam de ganhar, por isso queria um menino... a menina da história era diferente porque ela gostava de jogar, e as meninas não gostam de jogar por isso iriam perder.

Se formos analisar criticamente as falas das crianças, percebemos vários pontos a serem discutidos: primeiro só duas meninas, das seis responderam, assim temos duas hipóteses para isso, pode ter ocorrido pela timidez das meninas falarem em público ou por essas meninas não ter uma opinião sobre o assunto. Percebemos que é muito problematizador quando todos os meninos têm a liberdade de falar o que pensam e as meninas ainda ficam constrangidas.

A fala de Margarida apesar de acusar o preconceito presente entre os gêneros, problematiza uma questão importante que é o conflito de meninos e meninas não querem interagir, Margarida problematizou um problema importante “(...) *as meninas sabem jogar, mas os meninos nunca deixam...*” o que está em questão, não é se as meninas são capazes ou não de jogar futebol, mas sim os preceitos dos meninos não deixarem jogar, mesmo que as meninas saibam jogar futebol, reforçando a ideia da opressão de gênero, onde os meninos não deixam as meninas jogarem por não quererem ser ruim em brincadeira que a sociedade designa como masculina. Para Guerra (2005), essa atitude pode se transformar no futuro em uma forma de opressão feminina, obrigando as mulheres a assumir um papel de submissão em relação a sempre ser inferior do que homens, ou não poderem ocupar lugares iguais perante a sociedade.

Nas falas dos três meninos, *Celestino, Borago e Antúrio*, podemos encontrar também uma questão deve ser pontuada, que é a ideia pré concebida presente nos discursos dos meninos que as meninas não gostam de jogar futebol, quando em nenhum momento as meninas (da sala, ou da história) disseram isso. Este pré julgamento das meninas não gostarem de futebol é explicado por Borago, quando ele afirma que “(...) *as meninas não gostam porque jogar bola não é brincadeira de meninas...*” Tal explicação

objetiva não somente a construção da identidade de gênero das crianças, mas também buscam conduzir meninos e meninas a incorporar papéis sociais baseados no gênero.

Outra análise que pode ser feita das falas com relação a essa pergunta é a resposta dada por *Bálsamo*, onde ele reforça a ideia de opressão e desigualdade que existe entre os dois gêneros não apenas no futebol, mas no meio da sociedade. Para essas crianças os meninos não discriminam as meninas por mal, uma forma alienada de justificativa da alienação na nossa sociedade e sim por medo de machucá-la ou não ganhar a partida, destacando a ideia da menina como realmente inferior ao menino, e menos competitiva quando enfatiza que (...) *menino gostam de ganhar, por isso queria um menino...*”, ou seja menina para ele não se esforça, assim percebemos a demarcação de gênero muito bem estruturada nessa frase. Essa questão é problematizada porque mesmo sendo uma história fictícia ela acontece na vida real, na escola vemos nos interclasses apenas grupo de jogadores masculino, por compreenderem que meninas não são adequadas para este tipo de esporte, e mais uma vez a escola tem reforçado essas hierarquias de gênero. Observando que as crianças aqui destacadas já possuem umas práticas sexistas em suas brincadeiras, isso acontece pelo contato com o mundo adulto e com a cultura construída pelo adulto.

Depois do momento da reflexão sobre a história, a professora instruiu a formação de uma fila para ir à cantina, onde as crianças sentariam para lanchar. O lanche seria às 08:50. Foi observado que as meninas se reuniram para lanchar em um grupo, assim como os meninos. Além disso, foi possível notar o comportamento calmo e cuidadoso das meninas em relação a não sujarem, em contraste com os meninos, que frequentemente eram lembrados pelas meninas para comerem com cuidado e não sujarem a comida. Outro aspecto observado foi a diferença de responsabilidade: as meninas terminavam de comer, limpavam a mesa e guardavam seus pratos na pia da cantina, enquanto os meninos comiam e deixavam os pratos em cima da mesinha onde havia a merenda. As próprias funcionárias da cantina incentivavam as meninas a levar seus pratos para a pia, enquanto não se fazia essa solicitação aos meninos.

Após o horário da merenda, ocorreu o intervalo por volta das 9:00 da manhã. Foi possível observar que durante esse período, tanto os meninos quanto as meninas se dividiram em grupos para realizar diferentes brincadeiras, tanto em relação ao tipo de brincadeira quanto à socialização. Dos 4 meninos presentes, decidiram brincar de futebol, enquanto as meninas optaram por atividades como passear em grupo pela escola e conversar. Apenas uma menina ficou apenas observando o jogo, sem participar da

brincadeira em momento algum. Para essas atividades, o pátio foi dividido em dois espaços, porém, os meninos ocuparam uma grande parte do pátio para transformá-lo em um campo de futebol. Enquanto isso, na maioria das vezes em que as meninas não estavam passeando pelos arredores da área designada aos meninos, elas ficavam sentadas em um espaço menor, conversando e brincando de mãe e filha.

Ao retornar para a sala de aula, ocorreu o momento de diversão, que de acordo com a professora, é quando se permite que as crianças interajam livremente umas com as outras e brinquem, afinal, as crianças aprendem brincando. Nesse momento, vários brinquedos foram colocados no centro da sala, incluindo carros de brinquedo, telefones, panelinhas, fogão, pratos, colheres, arco e flecha, kit de cabeleireiro, bola de futebol, bambolê, kit de médico, bonecas e peças de encaixe. Foi possível notar, ao observar, que as meninas separaram alguns brinquedos e se reuniram em um canto da sala para brincar. Elas pegaram as bonecas, o fogão, as panelinhas, os pratinhos, o kit de cabeleireiro e o bambolê. No entanto, os garotos prosseguiram brincando com os outros brinquedos no centro da sala. Uma das garotas decidiu se divertir como dona de salão de beleza, penteados e tranças sendo feitos. Neste momento, uma fila se formou para passar pelas mãos da cabeleireira, tanto meninas como meninos se sentaram na cadeira e fingiram cortar o cabelo, alguns meninos até fingiram ficar irritados com a cabeleireira porque ela não cortou o cabelo direito. Enquanto isso, todas as meninas saíam sorrindo, dizendo que estavam lindíssimas.

Após o momento de brincar usamos o método de entrevista, seguindo o roteiro semiestruturado, onde através da conversa informal foram realizadas perguntas em diferentes momentos, influenciado pelas situações e vivências. Primeiro foi questionado a cada criança, qual a brincadeira preferida dos meninos da sala? Você acha que essa brincadeira também é a preferida das meninas?

Ao analisarmos as respostas vemos que 70% da resposta das crianças apontaram que as brincadeiras são divididas por gênero, e que as meninas se adaptam mais fácil as brincadeiras dos meninos, do aos contrários, vejamos as respostas. As meninas enfatizam nitidamente que existe uma separação de gêneros na brincadeira.

Azaléia: não, meninos não são iguais as meninas, a brincadeira favorita dos meninos é jogar bola, mas as meninas tipo eu, prefiro brincar de boneca ou de casinha...

Camélia: eu gosto de tudo, mas ou menino só gostam de brincadeira de bola..

Rosa: os meninos são muitos chatos só gostam de brincadeira de correr, eu prefiro brincar de casinha, de enfeitar bonecas...

Margarida: eu gosto de brincar de brincar que a brincadeira mais legal dos meninos, às vezes eu prefiro a brincadeira dos meninos...

Tulipa: eu não gosto de brincar com os meninos, as brincadeiras deles machucam, prefiro brincar de professora...

Begônia: as meninas tem brincadeiras muito mais legais que os meninos, eu gosto de brincar de bola também...

Ao analisar as respostas das meninas, a pesquisadora perguntou quem disse às meninas que jogar bola era brincadeira de menino, Margarida respondeu: *“foi minha mãe”*, Begônia disse que foi *“pai do céu”*. Essas respostas expressão que a opressão de gênero criada em uma cultura patriarcal não permite que as meninas, mesmo criança, enxerguem que essa submissão das mulheres a brincadeira menos interessante é uma construção social. Quando Begônia atribui a pai do céu, ela coloca em uma figura divina a ideia opressora da raça humana, que sempre atribuiu à mulher um papel menos importante.

A resposta dos meninos a este mesmo questionário inicial reforça a visão de marcador de gênero, sobre a discussão de gênero. Ao serem perguntados a mesma pergunta, qual a brincadeira preferida das meninas da sala? Você acha que essa brincadeira também é a preferida dos meninos? Escutamos de 100% dos meninos entrevistados a ideia de não querer gostar ou ao menos tentar brincar com as brincadeiras que são descritas por eles como femininas. Vejamos as respostas:

Antúrio: as meninas gostam de boneco, os meninos não podem brincar de boneca...eu gosto muito de futebol.

Bálsamo: as brincadeiras das meninas favoritas são boneca, eu odeio brincar de boneca, prefiro brincar de luta ou guerra...

Borago: a brincadeira que as meninas mais gostam é casinha, que coisa sem graça, eu já moro em uma casa, não preciso brincar de casinha, por isso, gosto de ser menino e puder brincar de luta...

Celestino: não gosto de brincar com as meninas, elas brincam sempre de coisas chatas, eu gosto de futebol...

O mesmo questionamento foi perguntado aos meninos ao final, quem disse a vocês que casinha e boneca é brincadeira de meninas, Bálsamo respondeu *“todo mundo, a tia da escola, meu pai, minha mãe, e eu, menino não pode brincar de boneca de jeito nenhum”*, Celestino reforçou *“porque se você brincar de boneca, você vira menina e é muito bom ser menino, eu não quero ser menina.”*

Logo de início as respostas dos meninos demonstram a repulsa por brincadeiras femininas, manifestando o desejo por brincadeiras mais violentas como luta, guerra, futebol que são atributos que as próprias crianças atribuem aos meninos. Todavia, é

preciso problematizar essa ideia da menina como mais frágeis e cautelosa, essa é uma ideia preconceituosa colocada pela cultura patriarcal que busca alienar e aprisionar as mulheres dentro dessa concepção equivocada, que disseminar a ideia de mulher como um sujeito de pouca força ou sexo frágil, precisamos liberar as mulheres das amarras sexistas impostas pela sociedade. Através dessa armadura do medo as mulheres têm sido oprimidas e aprisionadas dentro do sistema patriarcal de opressão.

Podemos também, analisar através das falas dos meninos em detrimento das meninas, é que há uma pressão ainda maior para que os meninos sigam a sexualidade normalizante, da qual meninos seguem regras de meninos. Enquanto as meninas são instruídas apenas pelas mães, segundo as falas das crianças os meninos são instruídos e pressionados por toda a sociedade para manter a separação de gênero. Toda essa opressão do gênero masculino tem surtido efeito, isso pode ser notado na fala de Celestino que demonstra o medo de perder a identidade masculina que foi atribuído pela sociedade, ele acredita que brincar com brincadeira feminina vai diminuir sua masculinidade. De acordo com Felipe (1999), “a preocupação em relação à orientação sexual da criança mostra a preocupação e obsessão do social em manter a sexualidade normalizante”. Assim, as falas dos meninos mostram a segregação de gênero na sala de aula da educação infantil, sendo exposto em vários estigmas e marcadores entre o gênero feminino e masculino.

Já a primeira análise da fala das meninas já mostra que meninos e meninas dessa sala pesquisada têm compreendido a separação entre gênero imposta pela sociedade, todas deixam claro que as brincadeiras não são universais, o que resta é cada gênero tentar se adaptar às brincadeiras que a sociedade lhe resignou. Porém, quando confrontadas a brincarem em brincadeira que são culturalmente atribuídas a seu gênero, as mulheres aceitam de forma mais fácil. Vemos em muitas falas as meninas dizerem que gostam de brincar de tudo e não ver problema em jogar bola, por exemplo, mas concordam em enfatizar que isso se deve ao fato das brincadeiras masculinas serem muito mais interessantes, apesar de serem mais violentos e as meninas dizerem que gostam de brincadeira mais quietas. Na verdade, percebemos que essa fala é condicionada pela sociedade, que impõe alienadamente que meninas precisam ser mais cuidadosa e devem ter mais apreço por brincadeira que tem este teor mais cuidadoso.

Visivelmente no relato sobre as brincadeiras na sala de aula ou em outro lugar a fala das meninas remete a traços da opressão e demarcação de gênero que em nenhum momento foi questionado pela professora. Para Bruschini (1981), os modelos de comportamento masculino e feminino são históricos e sociais e não biológicos, e vão se

formando, gradativamente nas relações com a família e a escola, através de jogos, de brinquedos, das mídias sociais “outros mecanismos transmissores da educação informal, e vão sendo incutidas diferenças de temperamento entre os sexos que passam a ser consideradas diferenças ‘naturais’, próprias à biologia do homem e da mulher [...]” (BRUSCHINI, 1981, p. 73).

Dando continuidade às perguntas semi-estruturadas de maneira individual, foi questionado às crianças: Qual a coisa mais legal que os meninos e meninas podem fazer? Qual é a melhor e a pior coisa de ser uma menina e um menino? neste questionário todas as meninas enfatizam as vantagens de serem meninas, porém o motivo dessas vantagens podemos ser analisados como objeto de tortura, vejamos as respostas.

Azaléia: A coisa mais legal que as meninas podem fazer e os meninos não podem é usar batom, os meninos nem podem e o batom deixa as meninas muito bonitas. A coisa ruim de ser menina é ficar com laços na cabeça super acolchoados, dói muito na cabeça tia...

Camélia: Eu adoro ser menina porque posso usar maquiagem também fazer penteados no cabelo, mas não gosto de ter que fazer isso todo dia, demora muito...

Rosa: eu gosto de ser menina porque posso usar rosa, e gostar das princesas, brincar de casinha, ter boneca, mas não posso ter uma espada e uma arma, queria ter uma arma...

Margarida: Eu gosto de ser menina porque posso usar rosa, e sandália de brilho, e não vejo nada de ruim em ser menina.

Tulipa: Eu gosto de ser menina porque gosto de vestido, menino não pode usar vestido, o ruim é que tenho que ficar com as pernas fechadas e não consigo andar de pernas fechadas. Os meninos não precisam fechar as pernas para andar...

Begônia: eu gosto tia, ser mulher é muito bom, eu posso desfilar de rosa, cantar e dançar e posso também brincar de princesa. o ruim é que não posso correr pelo pátio com menino, eles só brincam com meninos.

Se analisarmos criticamente as falas das meninas percebemos que as mesmas atribuíram qualidade aos estereótipos criados para mulheres, como é questão da ideologia da cor rosa, a questão do uso da maquiagem que traz uma ideia de beleza, as mulheres devem estar sempre bonitas e perfeitas para sociedade. Porém, na mesma fala que reforça o lado positivo de usar adereço direcionados as mulheres, percebemos que os mesmos adereços para muitas meninas é uma questão que incomoda e tortura. Um exemplo é a fala de Azaléia: “*A coisa ruim de ser menina é ficar com laços na cabeça super apertados, dói muito na cabeça tia...*” a ideia das mulheres terem laço na cabeça, não apenas reforça a ideia opressora da mulher enquanto objeto que deve repassar beleza, como condiciona as meninas desde de novas a fazerem sacrifício que machucam em nome dessa normalidade da beleza da mulher.

Outra questão muito interessante é a fala de Tulipa: *“eu gosto de ser menina porque gosto de vestido, menino não pode usar vestido, o ruim é que tenho que ficar com as pernas fechadas e não consigo andar de pernas fechadas. Os meninos não precisam fechar as pernas para andar...”* mesmo sendo uma criança de 5 anos, ela compreende que as roupas na atual sociedade é uma forma de repressão ao gênero, porque menino devem vestir roupas confortáveis que permite um livre desenvolvimento do seu corpo, enquanto meninas precisam o usar o vestido que tem todo um procedimento de usar as pernas fechadas. O que tulipa questiona é a ideia da liberdade de escolha que é negada às mulheres desde da infância, que são submetidas a portar e vestir de determinadas formas para reforçar sua feminilidade/condição social. A sociedade a escola insiste em fabricar corpos submissos aos padrões tradicionais de gênero, porém, mesmo pequenos os corpos sentem a desigualdade e tendem inicialmente a rebelar-se, porém, quando não incentivado a criança tende a aceitar por um longo período de tempo, a escola tem a função exatamente de questionar essas submissões e não as reforçar.

Outra coisa que deve levar em consideração é o reforço encontrado na sociedade e na escola para aceitar os estereótipos femininos, as preferências são construídas e a classe observada tende a contribuir para que as crianças pequenas sigam um padrão socialmente imposto do que seria aceitável para meninos e meninas. O modelo binário masculino-feminino é apresentado na sociedade e na escola com frequência às crianças. Para Vianna e Finco (2009) a manutenção desse modelo binário parte do silêncio sobre a marginalização sobre as masculinidades e feminilidades. Jeffrey Weeks (2003) afirma que, ao cruzar a fronteira dos padrões de comportamento considerados mais apropriados para homens e mulheres, pode-se adquirir o caráter de suprema transgressão.

Para compreendermos melhor essa ideia da opressão a atitude de gênero, vamos analisar agora as respostas dos meninos. O mesmo questionamento foi feito aos meninos ao final: Qual a coisa mais legal que as meninas podem fazer e os meninos? Qual é a melhor e a pior coisa de ser uma menina e um menino? iremos perceber nas respostas que a maioria dos meninos, gostam de serem homens e não mudaria de sexo, além de aceitarem mais facilmente imposições imposta a sociedade para ele. Vejamos as respostas:

Antúrio: é muito bom ser menino, pode brincar de carrinho, gritar, brincar de luta, as meninas nem podem brincar disso, só se ela for rebelde né tia, quando crescer eu quero trabalhar em lugares bem longes...

Bálsamo: eu gosto de ser menino, pode andar desarrumado, pode brincar de espada, as meninas, não podem brincar de espada e não podem correr pelo

pátio feito um avião, e eu não quero ser menina é muito chato, e meu diz que não pode querer ser menina ...

Borago: é bom ser menino, deus me livre de ser menina, tem que mandar na brincadeira e ser bem rápido, eu não queria se meninas ela correm devagar e não pode levar bichos para casa...

Celestino: a tia, os meninos gostam de futebol de luta e brincar de super herói, as meninas são chatas só gostam de brincar de coisas chatas, eu não quero ser uma menina nunca...

Uma análise inicial que deve ser feita em relação às falas dos meninos é que eles nem mesmo percebem que estão sendo influenciados para agir da forma como agem. A ideia deles de acreditar que apenas as meninas não estão sujeitas a imposições apenas demonstra como os homens ainda estão mais alienados em relação à opressão de gênero. Pouco antes de responder à entrevista, Borago estava com uma dor na barriga e chorando, e seu coleguinha Bálamo lhe disse que, por ser homem, ele não podia chorar. Ele parou de chorar, mas nem sequer questionou o quanto era injusto não poder chorar apenas por ser homem. Ele aceitou essa norma sem críticas, enquanto as meninas reclamavam da injustiça do vestido para elas. O fato de eles também não considerarem, nem por um instante, a ideia de serem meninas, evidencia o preconceito ou o reforço social que é absurdo, reforçando a ideia de seguir padrões de gênero. A resposta do menino no geral mostra, por suas ações, que masculinidades são construções sociais que também acontecem na escola, que já chegou a separar meninos e meninas, com atividades distintas, contribuindo para fabricar sujeitos desiguais.

Como última pergunta, questionamos se os meninos e as meninas são diferentes? Todas as respostas deixam claro que as crianças mesmo tendo 5 anos sabem que existe diferença no ponto cultural, nas atribuições, na divisão das tarefas, e até biologicamente, ele só não consegue explicar porque essa diferença é tão enfatizada na sociedade. Vejamos as respostas.

Azaléia: claro que são tia, como já disse menino não pode brincar de boneca, eles são mais fortes, mas chatos e preguiçosos, mulher é mais guerreira né?

Camélia: são as meninas mais legais, os meninos são diferentes porque tem pipi, eu não queria ter pipi, eu gosto de ser menina, e não quero mudar...

Rosa: claro que são diferente tia, as meninas podem ter cabelos longos e bonitos, os meninos só tem cabelo curto, eu acho feio, prefiro bem longo...

Margarida: tem sim os meninos podem bater nas meninas com mais força, e podem brincar de carrinho, mas sabe tia eu gosto dessa diferença, assim não preciso dividir minhas bonecas com meu irmão mais novo...

Tulipa: são diferentes, muito diferentes, os meninos são chatos, da ver de longe e são briguentos eu não prefiro as meninas...

Begônia: são diferentes sim, não pode usar roupa igual, ou gostar no mesmo desenho...

Antúrio: ainda bem que são diferentes tia, sempre somos menos homem na sala, e por sermos diferentes podemos brincar sozinhos como os carrinhos que são poucos.

Bálsamo: somos diferentes do bem, os meninos são legais, e as meninas também e mesmo diferente somos todos legais.

Borago: eu sou diferente da menina, já disse que não gosto de coisas de meninas...

Celestino: são diferentes, muito diferente são os opostos, os meninos podem se divertir mais, prefiro ser menino mesmo.

Não há dúvida, nem para nenhum dos dois gêneros, de que as diferenças entre meninos e meninas são evidentes. O que eles não compreendem é que essas diferenças foram propositadamente construídas para agirem dessa maneira. Os adultos educam as crianças ao definirem diferenças de gênero em seus corpos. As características físicas e os comportamentos esperados para meninos e meninas são reforçados, às vezes de forma inconsciente, nos pequenos gestos e práticas do cotidiano, como, por exemplo, na escola (FINCO, 2003). Um exemplo disso é a forma como a família ou a professora conversa com uma menina, elogiando sua doçura, ou como justifica a falta de capricho dos meninos, nas falas das meninas que reforçam a força dos meninos. Isso é um exemplo de uma ideia implantada na mente das meninas como forma de submissão à força masculina. Percebemos, ao longo de toda a entrevista, que há uma assimetria na valorização, o que é valorizado para a menina não é apreciado para o menino, e vice-versa, o que contradiz essa ideia de diferença exagerada que os meninos relatam.

4 CONCLUSÃO

Assim concluímos, que existe, de fato, uma distinção e desigualdade de gênero bem definida na escola, e isso não é apenas construído na educação infantil, mas em todas as salas de aula. Além disso, esta pesquisa tem como objetivo mostrar a importância de permitir que a criança tenha voz como um sujeito social inserido em práticas culturais que reforçam e atribuem diferenciação de gênero.

Observamos que as falas dos meninos ao longo de todos os questionários evidenciam como a demarcação de gênero está fortemente presente na vida das crianças e tem influenciado muitos comportamentos que perpetuam a opressão de gênero na sociedade. Dessa forma, destacamos a escola como um agente que reproduz essa desigualdade de gênero, sendo também responsável por não poder eliminá-la completamente, mas sim ajudar a questionar e problematizar essa questão de gênero na sociedade. Como uma instituição social de aprendizado, a escola deve incentivar o

pensamento crítico sobre os comportamentos e atitudes que reforçam a opressão de gênero.

Portanto, é fundamental desnaturalizar os discursos que perpetuam desigualdades de gênero, principalmente na educação infantil no contexto escolar. Torna-se imprescindível abordar questões relacionadas ao gênero para promover o desenvolvimento pleno de crianças e adultos responsáveis na sociedade (GAMA; ANASTÁCIO, 2019). Por conseguinte, ressaltamos a necessidade de desconstruir e promover novas pesquisas que tratem desse tema e contribuam para dismantlar a cultura opressora em relação ao gênero feminino tanto na escola quanto em todos os demais espaços.

5 REFERÊNCIA

ALANEN, Leena. **Estudos Feministas/ Estudos da Infância: paralelos, ligações e perspectivas**. CASTRO, Lúcia Rabello (Org.). Crianças e Jovens na construção da cultura. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001.

ARÊAS, Celina Alves. **Função Social da Escola**. Conferência Nacional de Educação Básica. 2008. Disponível: http://portal.mec.gov.br/arquivos/conferencia/documentos/celina_areas.pdf Acesso em: 01 abr. 2023.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução KUHNER. **MH Rio de Janeiro: Bertrand Brasil**, 1999.

GAMA, Rafaela; ANASTÁCIO, Zélia. Questões de gênero e sexualidade com crianças em meio escolar: um estudo comparativo entre Brasil e Portugal. **Revista INFAD de Psicologia. International Journal of Developmental and Educational Psychology**, v. 5, n. 1, p. 159-166, 2019.

FELIPE, Jane. **Entre tias e tiazinhas: pedagogias culturais em circulação**. In: SILVA, L. H. (org.). Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo? Petrópolis: Vozes, 1999. p. 167-179.

OLIVEIRA, Ana Claudia Delfini Capistrano de et al. Estudos sociológicos sobre infância no Brasil: crianças sem gênero?. Tese. (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto, GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). Estudos da Infância: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 97-118.

SARMENTO, Manuel Jacinto. O Estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nair. et al. Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 137-179.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. Cadernos de pesquisa, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar. 2001.

SCOTT, Jacqueline. Children as Respondents: The Challenge of quantitative Methods. In: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison (eds.) RESEARCH WITH CHILDREN: perspectives and practices. London: routledge, 2008 (second edition). p. 87 – 108

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos pagu**, p. 265-283, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovich; VINHA, Tradução de Márcia Pileggi. Quarta aula: a questão do meio na pedagogia^{1, 2}. **Tradução de Márcia Pileggi**, 2010.